

# **La representación del anciano en la midia digital: sombreando el miedo fundamental y estructural de la vida, la muerte.**

Heloisa Helena Ribeiro de Castro.

Cita:

Heloisa Helena Ribeiro de Castro (2015). *La representación del anciano en la midia digital: sombreando el miedo fundamental y estructural de la vida, la muerte. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/1097>

## **LA REPRESENTACIÓN DEL ANCIANO EN LA MIDIA DIGITAL: sombreando el miedo fundamental y estructural de la vida, la muerte**

**Heloisa Helena Ribeiro de Castro – Universidade Paulista**

[heloisahelena.decastro@gmail.com](mailto:heloisahelena.decastro@gmail.com)

En este mundo globalizado y globalizante, en que el visual adquirió una importancia sin precedentes, nos parece fundamental entender la representación del anciano en la mídia digital, construida bajo los auspicios de la neofilia, que sombrean el miedo fundamental y estructural de la vida: la muerte. Es preciso problematizar y discutir las implicaciones de una representación equivocada, con imágenes de jovialidad y juventud que no representan más una fase de la vida pero una vida entera. Las imágenes reflejadas callan una representación propia, suprimiendo la posibilidad de resiliencia, trayendo lo que Baitello Jr. llama “violência sutil”, violência que hace con que las relaciones interpessoais, incluyendo aquí los vínculos familiares, dejen de existir, haciendo con que el anciano no tenga significación, y deje de existir, aunque haya sido un día, “propulsor de la vida presente de su grupo” (Bosi, 1994). A partir del momento en que “En el hombre, la representación se adelanta a la percepción” como nos trae Cyrulnik, entendemos que ese proceso acaba por estirpar la gran posibilidad del viejo de contar historias, de reconfigurar e imprimir en la cultura, sus propias percepciones.

Palabras llave: Muerte; Mídia digital; Representación; Resiliencia; Memoria

Neste mundo globalizado e globalizante, em que o visual adquiriu uma importância sem precedentes, nos parece fundamental entender a representação do ancião na mídia digital, construída sobre os auspícios da neofilia, que sombreiam o medo fundamental e estrutural da vida: a morte. É preciso problematizar e discutir as implicações de uma representação equivocada, com imagens de jovialidade que não representam mais uma fase da vida mas sim uma vida inteira, As imagens refletidas trazem uma representação própria, eliminando a possibilidade de resiliência, trazendo o que Baitello Jr. chama de “violência sutil”, violência que faz com que as relações interpessoais, incluindo aqui os vínculos familiares, deixem de existir, fazendo com que o idoso não tenha significação e deixe de existir, mesmo que tenha sido um dia “propulsor da vida presente do seu grupo” (Bosi, 1994). A partir do momento em que “a representação vem antes da percepção” como nos traz Cyrulnik, entendemos que esse processo acaba por estirpar a grande possibilidade do velho de contar histórias, de reconfigurar e imprimir na cultura suas próprias percepções.

Palavras chave: Morte; Mídia Digital; Representação; Resiliência; Memória

No mundo todo, inclusive no Brasil, estamos nos deparando com uma realidade que há pouco tempo parecia improvável: estamos envelhecendo de forma muito rápida, o que nos levará provavelmente a uma triplicação do número de pessoas com mais de 60 anos em 2050, segundo estimativas da Organização das Nações Unidas, ONU.

No Relatório sobre a Situação da População Mundial de 2011<sup>NT1</sup>, realizado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) em nove países<sup>NT2</sup>,

Hoje existem 893 milhões de pessoas acima de 60 anos em todo o mundo. Na metade deste século, esse número subirá para 2,4 bilhões. Cerca de uma em cada duas pessoas vive em cidades e, em aproximadamente 35 anos, duas entre três o farão. As pessoas com menos de 25 anos já compõem 43% da população mundial, chegando a 60% em alguns países”. (BABATUNDE OSOTIMEHIN, Diretor Executivo do UNFPA, 2011, p. ii)<sup>NT3</sup>

O progresso tecnológico da área de saúde nos propiciou uma acentuada queda nos índices de mortalidade das idades mais avançadas, passando a haver um aumento de pessoas com 80 anos ou mais pelo mundo afora. Ainda segundo as Nações Unidas, esse segmento de pessoas que representava 1,6% da população mundial passará a representar 4,3% em 2040 ou 20% do total da população idosa (KANSO, 2013, p. 2).

São números tão impressionantes quanto heterogêneos porque cerca de 60% dos pouco mais de sete bilhões de pessoas vivem na Ásia. Somente China e Índia juntas respondem por 2,5 bilhões de pessoas ou seja, quase 35% de toda a população do planeta e o Brasil, com pouco mais de 200 milhões, 201.032.714 habitantes, em 1º de julho de 2013, segundo dados do IBGE<sup>NT4</sup>. Mas o processo de envelhecimento também nos atinge, e muito.

<sup>NT1</sup> O relatório sobre a Situação da População Mundial é publicado desde 1978, pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e enfoca, a cada ano, questões de interesse da atualidade que estão profundamente relacionadas tanto com a população como com o desenvolvimento. Disponível em <http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/situacao-da-populacao-mundial?tmpl=component&print=1&page=>

<sup>NT2</sup> Os países que participaram do estudo foram: China, Egito, Etiópia, Finlândia, Índia, México, Moçambique, Nigéria e a Antiga República Iugoslava da Macedônia por apresentarem desafios demográficos como envelhecimento da população e altas taxas de fecundidade. Disponível em <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2011.pdf>

<sup>NT3</sup> Prefácio do Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011, produzido pela Divisão de Informações e Relações Externas do UNFPA, o Fundo de População das Nações Unidas. Disponível em <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2011.pdf>

<sup>NT4</sup> Disponível em [ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2013/populacoes\\_estimativas\\_BR\\_UF\\_TCU\\_31\\_10\\_2013.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2013/populacoes_estimativas_BR_UF_TCU_31_10_2013.pdf)

Ainda segundo dados do IBGE, através da Projeção da População do Brasil por sexo e idade para o período de 2000 à 2060, publicada em agosto de 2013<sup>NT5</sup>, no início da presente década tínhamos uma população de 994.067 pessoas na faixa etária compreendida entre 80 e 84 anos. Em 2060 serão 8.625.639. Na faixa compreendida entre 85 e 89 anos tínhamos em 2000, 493.932 pessoas que em 2060 serão 5.461.797 e por fim no mesmo ano tínhamos uma população de 284.467 pessoas com mais de 90 anos que serão, em 2060, 5.024.073. Aliado a esses dados, temos uma queda na taxa de natalidade o que fará com que em 2060 tenhamos dois habitantes com mais de 65 anos para cada criança.

### **Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2000/2060<sup>NT6</sup>**

#### **POPULAÇÃO HOMENS – GRUPOS ETÁRIOS**

<b>GRUPO ETÁRIO</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>	<b>2020</b>	<b>2030</b>	<b>2040</b>	<b>2050</b>	<b>2060</b>
80-84	404998	612792	876525	1397896	2211013	2880518	3645702
85-89	189758	279343	434245	672603	1175668	1745014	2131195
90+	103543	126957	237432	395067	676300	1139689	1607811

#### **POPULAÇÃO MULHERES – GRUPOS ETÁRIOS**

<b>GRUPO ETÁRIO</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>	<b>2020</b>	<b>2030</b>	<b>2040</b>	<b>2050</b>	<b>2060</b>
80-84	589069	927357	1335521	2061997	3171589	4028957	4979937
85-89	304174	464297	742051	1138687	1925444	2792805	3330602
90+	180924	267130	505777	867513	1458407	2423262	3416262

#### **POPULAÇÃO TOTAL – GRUPOS ETÁRIOS**

<b>GRUPO ETÁRIO</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>	<b>2020</b>	<b>2030</b>	<b>2040</b>	<b>2050</b>	<b>2060</b>
80-84	994067	1540149	2212046	3459893	5382602	6909475	8625639
85-89	493932	743640	1176296	1811290	3101112	4537819	5461797
90+	284467	394087	743209	1262580	2134707	3562951	5024073

As implicações desses dados são muito grandes, a partir do momento que não existem políticas públicas de longo prazo para o amparo desses idosos. Existem também as condições

<sup>NT5</sup> Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2013/](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/)

<sup>NT6</sup> A fonte das tabelas apresentadas nesta e na próxima página se encontra em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2013/default\\_tab.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtm)

que muitas vezes são impostas à eles por seus filhos, cuidadores, parentes próximos que, irritados com suas deficiências, sua falta de memória, de coordenação e outros problemas que a própria idade apresenta, acabam por ser extremamente violentos tanto física quanto psicologicamente.

Embora a violência não seja nosso tema específico, é importante percebermos que muito se fala sobre violência atualmente, tirania, opressão, mas estamos nos restringindo como já nos alertava Norval Baitello, às ações visíveis. “Só é violência o que se vê, e não se considera violência nada do que ocorre nos subterrâneos da vida social, da esfera familiar ou das relações interpessoais” (BAITELLO, 2005, p. 25) ou seja, não prestamos atenção e não nos damos conta da violência que ele chama de “refinada e sutil” e que Walter Benjamin (in BAITELLO, 2003, p. 64) chamou de “violência lapidada”, aquela que acontece diariamente, silenciosa e diuturna, que não se deixa ver porque está no âmago, incorporada na codificação da nossa sociedade.

A sociedade ocidental que privilegia o contínuo recomeço, a neofilia, o permanente interesse pelo que é novo. Uma sociedade percebida por muitos como “em crise”, “um mundo confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2001, p. 17), com concepções simplistas do passado, do presente e do que podemos esperar do futuro.

A violência imposta aos homens se dá através das subtrações a que estamos submetidos há pouco mais de dois séculos. Para o nosso objeto de pesquisa estaremos evidenciando a abstração do corpo no processo da mídia eletrônica com Harry Pross, da comunidade com Baumann, da “retirada da alma” como nos traz Contrera (CONTRERA, 2010, p. 27), da perda do tempo lento demonstrado por Baitello Júnior, a desmágicação e a perda do sentido cunhados por Max Weber ao tratar do desencantamento do mundo. James Hillman se refere a esse quadro da seguinte maneira:

“Sentir e imaginar o mundo não se separam na reação estética do coração, como em nossas psicologias posteriores, derivadas dos escolásticos, cartesianos e empiristas britânicos. Suas ideias favoreciam o assassinato da alma do mundo através da separação da atividade natural do coração em sentir os fatos por um lado e, por outro, intuir fantasias, deixando-nos imagens sem corpos e corpos sem imagens, uma imaginação subjetiva imaterial, separada de um mundo amplo de fatos objetivos inanimados” (HILLMAN, 1993, p. 17).

A subtração do corpo, do imaginário, do sentir, da troca, dos vínculos, nos transforma em escravos do medo e “assustados, perdidos e sedados nos encontramos entre a necessidade

de vínculos de pertencimento e um “eu” que narcisicamente se espelha mas não se olha” (Informação verbal).<sup>NT7</sup>

Entender as relações que culminaram neste desencantamento e nas possíveis ausências que ele traz, nos auxilia a dimensionar a relevância do papel que o processo de neofilia explicitado por Konrad Lorenz nos traz:

Esse amor pela novidade ou “neofilia” afeta praticamente todas as relações de que o homem é capaz com o mundo exterior. Para as pessoas contaminadas por essa doença cultural, um par de sapatos, uma roupa, um carro, perdem o encanto com pouco tempo de uso, exatamente como a pessoa amada, o amigo ou até mesmo a pátria (LORENZ, 1973, p. 45),

e a sua relação com o apagamento do passado, para podermos estabelecer as representações imagéticas do tempo, do velho<sup>NT8</sup> e da memória, entendida aqui como a contextualização que estabelece relações entre o presente, o passado e o futuro

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém e os reconstitui”. (LE GOFF, 2003, p. 420-421)

Para a jornalista Elaine Brum, em crônica intitulada Me Chamem de Velha, “Velho é uma conquista. Idoso é uma rendição”.<sup>NT9</sup>

Todas essas constatações nos fizeram indagar sobre a velhice, sobre a “coisificação” do velho, sobre a neofilia.

Quais as implicações da ausência do tempo lento e a representação do outro, da vida e das memórias na cultura?

Em função disso é importante falarmos dessa troca constante entre o eu, o outro e suas representações, evidenciando a porosidade humana em relação ao meio ambiente como nos

<sup>NT7</sup> Malena Segura Contrera em aula ministrada no curso de pós-graduação *strictu sensu* em comunicação, na Universidade Paulista, dentro da disciplina Mediosfera – a natureza do imaginário midiático, em outubro de 2013.

<sup>NT8</sup> Este trabalho escolhe utilizar a terminologia velho ao invés de idoso, por uma escolha semântica explicitada no texto intitulado “Me chamem de velha”, anexo 1. “Chamar de idoso aquele que viveu mais é arrancar seus dentes na linguagem. Velho é uma palavra com caninos afiados – idoso é uma palavra banguela. Velho é letra forte. Idoso é fisicamente débil, palavra que diz de um corpo, não de um espírito. Idoso fala de uma condição efêmera, velho reivindica memória acumulada. Idoso pode ser apenas “ido”, aquele que já foi. Velho é – e está. (Blum, 20/02/2012) Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html>

<sup>NT9</sup> O texto “Me chamem de velha” se encontra no anexo1.

Cyrulnik:

Se possuímos em nós a loucura de viver, devemos procurar as situações por onde seremos penetrados pelos elementos físicos, tais como a água, o oxigênio ou os alimentos; pelos elementos sensoriais, tais como o tacto, a vista de um rosto ou a vocalidade das palavras; por elementos sociais, tais como a família, a profissão ou os discursos (CYRULNIK, 1997, p. 91-92).

Essa troca traz a possibilidade de constante atualização, de que se busque novas maneiras de entender e de estar no mundo. No caso do velho, de novas maneiras de se representar e de poder viver, sem obrigações estéticas ou comportamentais, pautadas em um imaginário midiático que vislumbra exclusivamente um mercado potencialmente promissor, para aquisição de produtos desenvolvidos a cada minuto mundo afora. Um mundo hoje globalizado e globalizante, rápido, repleto de imagens e de narrativas que nem sempre são nossas, mas que penetram nas nossas histórias e nas nossas memórias.

Segundo Bezerra de Menezes

A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências. Daí com facilidade se passa para os produtos objetivos desse mecanismo. A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente (MENESES, 1992, p. 34).

Florès em seu livro *La mémoire* assinala que para Pierre Janet, o ato mnemônico fundamental seria o “comportamento narrativo” por se tratar “de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo”. (FLORÈS IN LE GOFF, 2003, p. 421)

Maurice Halbwachs nos traz que

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26)

Mesmo que nós estejamos sós, carregamos as percepções, intenções e expressões daqueles que convivem conosco, que trocam informações, que dialogam, que nos trazem suas impressões, sempre carregadas das próprias estruturas culturais, sociais, políticas e econômicas. A memória para o autor é uma contínua reconstrução, são imagens impostas pelo meio que modificam a impressão guardada, que estabelecem lembranças muitas vezes ilusórias. A memória é coletiva e continuamente criada e construída; “...para algumas

lembranças reais juntam-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias” (HALBWACHS, 1990, p. 28), que irão criar e recriar realidades.

...Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena onde outros homens eram espectadores ou atores para que, mais tarde, quando eles a evocarem diante de mim, quando reconstituírem peça por peça a sua imagem em meu espírito, subitamente essa construção artificial se anime e tome aparência de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. (HALBWACHS, 1990, p. 28)

Desta maneira se estrutura a memória coletiva, construída sobre diversas lembranças e percepções; sobre sentimentos e emoções; sobre diferentes pontos de referência que trarão o sentido de pertencimento, de identidade, de uma memória comum a um determinado grupo.

Michael Pollak alerta que

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. (POLLAK, 1989, p. 04)

Nesse processo em que fatos sociais se tornam coisas, não se pode subestimar o papel dos imaginários.

Para Leroi-Gourhan existem três tipos de memória: a memória específica que vai “definir a fixação dos comportamentos de espécies animais”, a memória étnica que estabelece e “assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas” e finalmente a memória artificial, “eletrônica em sua forma mais recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados” (Leroi-Gourhan in Le Goff, 2003, p. 422) que podem ser compreendidos como algo próximo daquilo que Christoph Wulf denomina atos miméticos.

Se o idoso tem uma possibilidade privilegiada de narração da memória, por que nossas instituições não lhe privilegiam? Por que ele é continuamente apagado?

Esse questionamento central nos levou a indagar sobre como a nossa sociedade, e seus legítimos representantes - os meios de comunicação, tem tratado a velhice, fase da vida que nos traz o imprevisível, as transformações mais radicais ocorridas no corpo e também no espírito. É fundamental percebermos as diferentes linguagens e representações do velho, para que possamos de fato entender as relações entre a mídia e a construção da imagem pública deste velho.



Estar velho é estar mais próximo da morte e apesar de todos os avanços da medicina, da biologia, da química, da física, não há verdade mais inexorável do que o tempo e a inconsistência de um porvir. Edgard Morin já nos alertava em seu livro “Para onde vai o mundo?”, que não é possível mantermos uma concepção simplista da edificação do futuro, a partir do conhecimento do passado e do presente, porque a causalidade não é linear e “O futuro, este será um coquetel desconhecido entre o previsível e o imprevisível. A tudo isso, acrescente-se que o futuro é necessário para o conhecimento do presente”. (MORIN, 2010, p. 14)

Denominado por Baitello Júnior como filósofo da imagem e sociólogo do corpo (BAITELLO, 2005, p. 09), Dietmar Kamper mostrou que

Por um lado o corpo se cansa, é mortal, é precário; por outro, é determinado como sexo, no duplo sentido de gênero (gender) e sexo (sex). É produtivo e reprodutivo, gera e acolhe, age e é dominado, submetendo-se de qualquer maneira ao assunto preliminar de estar destinado a perecer. (KAMPER, 2002, p. 3)

E o perecer traz o medo, a incerteza e é preciso lidar e trabalhar com essas representações.

Morte e sexualidade representam ainda as duas fraquezas fundamentais do corpo, cargas de angústia primordial. Historicamente, para dar adequada resposta a ambas existe uma única estratégia da civilização: a transformação do corpo (transitório) em imagem (eterna) (KAMPER, 2002, p. 3).

Para Kamper “imagens são monumentos da vida que foi. Em uma palavra, imagem é a morte”. (KAMPER, 2002, p. 4)

Morin nos demonstra que o homem de Neandertal já pensava na morte “como uma sujeição quase inevitável que pesa sobre todos os vivos” (Morin, 1979, p. 102). Assim, passa a estruturar rituais fúnebres que são rituais de transformação da morte, que trazem em si o renascimento ou a sobrevivência do espectro corporal, que ele denomina “duplo” por ter as mesmas necessidades dos vivos.<sup>NT10</sup>

<sup>NT10</sup> Em nota de rodapé, Morin explana que “A hipótese de que houvesse crença na renascença do morto ou sobrevivência sob forma de espectro corporal (duplo) vem do fato de que essas são as duas crenças fundamentais da humanidade no que se refere ao além...” (MORIN, 1979, p. 102)

Sendo assim, é preciso entendermos o grande medo, a grande angústia da nossa existência: a morte, que traz um peso existencial que remonta a seleção natural.

Segundo Konrad Lorenz, a seleção natural é um processo de adaptação

que é um verdadeiro processo cognitivo pelo qual o organismo incorpora informações existentes no meio ambiente, muito importante para a sua sobrevivência. Trata-se, enfim, do processo pelo qual o organismo recebe sua sabedoria do meio que o rodeia. (LORENZ, 2009, p. 9-10)

É através dessa permeabilidade que conseguimos trocar informações com o meio e acionar nossas imagens mentais de representação, que são fundamentais e estruturais em nossas vidas. É somente através das imagens, que Hans Belting chama de endógenas<sup>NT13</sup> (BELTING, 2000, p. 7), que lidamos com nosso interior, com as nossas limitações, criando as nossas próprias narrativas que, como veremos, são absolutamente indispensáveis para enfrentarmos nossos medos e angústias.

O homem lança mão de recursos de linguagem, recursos cognitivos; sistemas de organização espaço-temporais por meio dos quais o homem vai organizando a realidade assimilada, especialmente significativos na medida em que são maneiras de organizar, por meio de uma ação imaginativa, questões que se apresentam especialmente angustiante e geradoras de ansiedade no homem. (CONTRERA, 2003, p. 97)

Essa reorganização imaginativa daqueles que se apresentam, nos auxilia a traçar caminhos diferentes. Somos capazes de reescrever a história, nossa história, independente do meio em que nos encontramos. Essa capacidade de assimilar novos significados não só nos deixa alertas como nos mantém vivos.

Mas vivemos em uma sociedade cada vez mais mediatizada, onde o homem se encontra fragmentado, despedaçado, sem sua riqueza multidimensional e é neste momento que mais do que nunca é necessária a interação, a vinculação como sentido de pertencimento, de possibilidade de “fazer parte de”, “estar com”.

[...] a partir dos primeiros dias: a criança vai procurar na mãe as informações sensoriais (odor, brilho nos olhos, baixas frequências de voz) de que precisa para constituir um sentimento de familiaridade. Assim que fica securizada, explora em redor. Porém, a maneira de explorar depende do modo como a mãe respondeu à sua busca de familiaridade (CYRULNIK, 2001, p. 63).

Como seres gregários que somos, o outro tem uma importância vital para a nossa sobrevivência física, mental e emocional mas isso não é só na infância. O outro faz parte de nós a vida inteira, conta a nossa história, estrutura nossa memória, nosso ontem, nosso agora.

Desta maneira, a criação de vínculos é estruturante porque garante a constituição de nós mesmos e nos auxilia diante de todas as situações vividas, principalmente as situações de incertezas, de perdas, de traumas onde é necessária uma ressignificação.

E é através desta reorganização, deste pensamento simbólico que resignifica, que conseguimos estruturar nossas próprias narrativas e conseguimos atingir a resiliência que para Cyrulnik

Consiste em la habilidade para tener un momento de felicidad incluso cuando tienes una herida en el alma. La magnitud de esa heria es lo de menos: hay personas que se sienten destrozadas por la muerte de un gato y otras que pasan pruebas muy duras com éxito y sin problemas aparentes. Em cualquier caso, lo importante es poder atribuirle siempre um significado al trauma o al fracasso o a la situación indesead, se ala que sea (CYRULNIK, 2012, disponível em <http://crecejovent.com/pedagogia--boriscyrulnik>)<sup>NT11</sup>

Se não conseguimos encontrar um novo significado dentro de um processo angustiante e sofrido, não atingimos a resiliência. “Si no hay sentido no hay resiliência. Hay confusión” (CYRULNIK, 2012, disponível em <http://crecejovent.com/pedagogia--boriscyrulnik>)

É a resiliência que permite atingirmos a superação e para isso é necessário um tutor de resiliência, alguém que acolhe, que compreende, que escuta, que fundamentalmente dá segurança.

Se pensarmos que a morte nos acompanha desde o nascimento, verificaremos o quão importante é termos tutores de resiliência que nos propiciem lidar com este medo no transcorrer da vida.

Para Maria Júlia Kovács

A morte faz parte do desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. Nos primeiros meses de vida a criança vive a ausência da mãe, sentindo que ela não é onipresente. Estas primeiras ausências são vividas como mortes, a criança se percebe só e desamparada (KOVÁCS, 1992, p. 3).

No transcorrer da vida, vamos nos deparando de novo com a morte em outros estágios

<sup>NT11</sup> A resiliência consiste na habilidade de termos momentos de felicidade, inclusive quando temos uma ferida na alma. A magnitude dessa ferida é o de menos: existem pessoas que se sentem destrozadas com a morte de um gato e outras que passam por situações muito duras com êxito e sem problemas aparentes. Em qualquer caso, o importante é poder atribuir sempre um significado ao trauma, ao fracasso ou a situação indesejada. Seja o que seja. (tradução da autora)

como por exemplo através da perda de entes queridos, das notícias veiculadas nos meios de comunicação, eletrônicos ou não, no dia a dia das grandes cidades no trânsito, nas ruas. Ela nos persegue sem cessar e através da violência simbólica vai nos atemorizando, nos paralisando. E para não “morrermos de medo” estabelecemos mecanismos de defesa como a negação ou a intelectualização.

Mundo violento, midiaticizado, solidão, em alguns casos ausência de vínculos. Como lidar com tudo isso em um mundo que está envelhecendo, em um mundo que se tornará ancião em tão pouco tempo?

A pesquisa que apresentamos, embora em curso, tem demonstrado que a representação do velho na mídia digital, mais especificamente no site Universo Online<sup>NT11</sup>, nos traz um “idoso menino”, um idoso adolescente”, que “precisa” ter um corpo definido, ausência de rugas, esportista, belo. Em momento algum, nas quase cem matérias investigadas, temos a representação real do processo de envelhecimento. O tempo todo envelhecer parece, tanto nas fotos quanto nos textos, um processo distante porque os velhos tem que ser ágeis, os velhos tem que ser joviais, os velhos tem que ser...

Estamos retirando da velhice a possibilidade de construção, de reavaliação, de memória. Estamos estirpando o envelhecimento das nossas vidas como se ele jamais fosse acontecer. Estamos emudecendo e apagando o velho.

Mas como manter esta situação sustentável em um mundo que caminha para o envelhecimento?

Mais do que nunca precisamos ouvir e entender o que o passar dos anos nos traz, e principalmente, como ele deve ser representado na mídia, construtora em si de significados pois é através dela que podemos ter a possibilidade de uma insurreição dos velhos.

Mas será que o mercado permitirá que isso aconteça?

“Cada um de nós, mesmos os muito jovens, deveria se reconhecer no velho que é hoje ou no velho que será amanhã: velho não é o outro, velho sou eu” (GOLDENBERG, 2013, p. 28).

<sup>NT11</sup>Há 10 anos consecutivos o quarto site de maior acesso no Brasil, sendo somente superado pelos gigantes Google, Facebook e YouTube

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ARENDT, Hanna. *A condição humana*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'água, 1991

\_\_\_\_\_. *A sociedade do consumo*. Lisboa: Elfos, 1995

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

\_\_\_\_\_. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009

\_\_\_\_\_. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

\_\_\_\_\_. *Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010

\_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BECK, Ulrich, GIDDENS, Antony e LASH, Scott. *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. UNESP – São Paulo, 1997

BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1985

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985

BETH, Hanno; PROSS, Harry. *Introducción a la ciência de la comunicaci3n*. Barcelona: Anthropos, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simb3lico*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003

CAMPBELL, J. *As máscaras de Deus*. São Paulo: Palas Athena, 1992

\_\_\_\_\_. *As transformações do mito através do tempo*. São Paulo: Cultrix, 1992

\_\_\_\_\_. *A imagem mítica*. Campinas, SP: Papyrus, 1994

CANCLINI, Néstor García. *A Globalização Imaginada*, Editora Iluminuras, São Paulo – 2003

\_\_\_\_\_. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. 4ª ed. 5. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (Orgs.) *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume, 2004

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999

\_\_\_\_\_. *A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CATROGA, Fernando. *Memória e História*. In PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade?UFRGS, 2001

CONTRERA, M. *A dessacralização do mundo e a sacralização da mídia*. In: BAITELLO, N. (org.) et al. *Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, CISC, 2006

\_\_\_\_\_. *Ontem, hoje e amanhã: sobre os rituais midiáticos*. Revista FAMECOS, n. 28, Porto Alegre, 2005

\_\_\_\_\_. *Mediosfera: médios, imaginário y desencantamento del mundo*. Proyecto del grupo de investigación “Escritoras y Escrituras”, patrocinado por la Consejería de Economía, Innovacion, Ciencia y Empleo de la Junta de Andalucía, 2012

CYRULNIK, Boris. *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sob o signo do afeto*. Lisboa. Instituto Piaget, 1995

DAMÁSIO, A. *O Erro de descartes-Emoção, Razão e Cérebro Humano*. 18ª ed. Mira-Sintra – Mem Martins: Publicações Europa – América, 1998

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

ECHETO, Víctor Silva; SARTORI, Rodrigo Browne. *Antropofagias: Las disciplinas de la comunicación*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2007

FLORES, Javier Gil. GÓMEZ, Gregório Rodríguez. JIMÉNEZ, Eduardo García. *Metodología de La investigación cualitativa*, Ediciones Aljibe, Málaga – Espanha, 1999

FLUSSER, Vilém. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*, 6ª Ed., Editora Record – São Paulo, 2007

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural na esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003

HILLMAN, James. *Cidade e alma*. São Paulo: Nobel, 1993

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003

LORENZ, K. *Os oito pecados mortais da civilização*. Lisboa: Litoral Edições, 1992.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Portugal: Olimpyo, 1992

MARCONDES FILHO, C. *A sociedade tecnológica*. In: Marcondes Filho, C. (org.) *Vivências eletrônicas: sonhadores e excluídos*. São Paulo: Edições NTC, 1998

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

RUIZ, Castor M.M. Bartolomé, *Os paradoxos do imaginário*, Editora Unisinos - São Leopoldo, RS, 2003

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa*, 9ª Ed. Companhia Das Letras, São Paulo, 2001

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

SODRÉ, Muniz. *A Máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

VIEIRA, Liszt (org.). *Identidade e Globalização: Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural*. Rio de Janeiro: Record, 2009

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

WOLF, M. *La investigación de la comunicacion de masas: crítica y perspectivas*. Barcelona: Paidós, 1996